

REVISTA DE CULTURA

Órgão do Centro
Estudantal
Parnaibano

— A Glória é efêmera, mas na destinação Estudantii é imperecível —

ANO II

Director : JOSÉ DE ALBUQUERQUE LYRA

Redator-chefe : JOÃO PAULO VELOSO

Parnaíba, (Piauí) 21 de Abril de 1947

N. 7

Traze a bênção de Deus ao cativo,
Levanta a Deus do cativo o grito.

CASTRO ALVES.

O Gênio da Liberdade

J. P. Veloso

“A história de um povo não está apenas na simples enumeração dos seus feitos guerreiros, das suas lutas políticas e religiosas, das suas conquistas e dos seus revêzes. Há uma força íntima e superior que a determina, um impulso irresistível que lhe define as características, uma chama palpitante que a ilumina perenemente: a alma da raça”. O conceito é de Ronald de Carvalho; portanto a alma da nação, sendo esta fundada mais na unidade cultural que na unidade política, “é a consciência de destinos comuns a realizarem-se na história”.

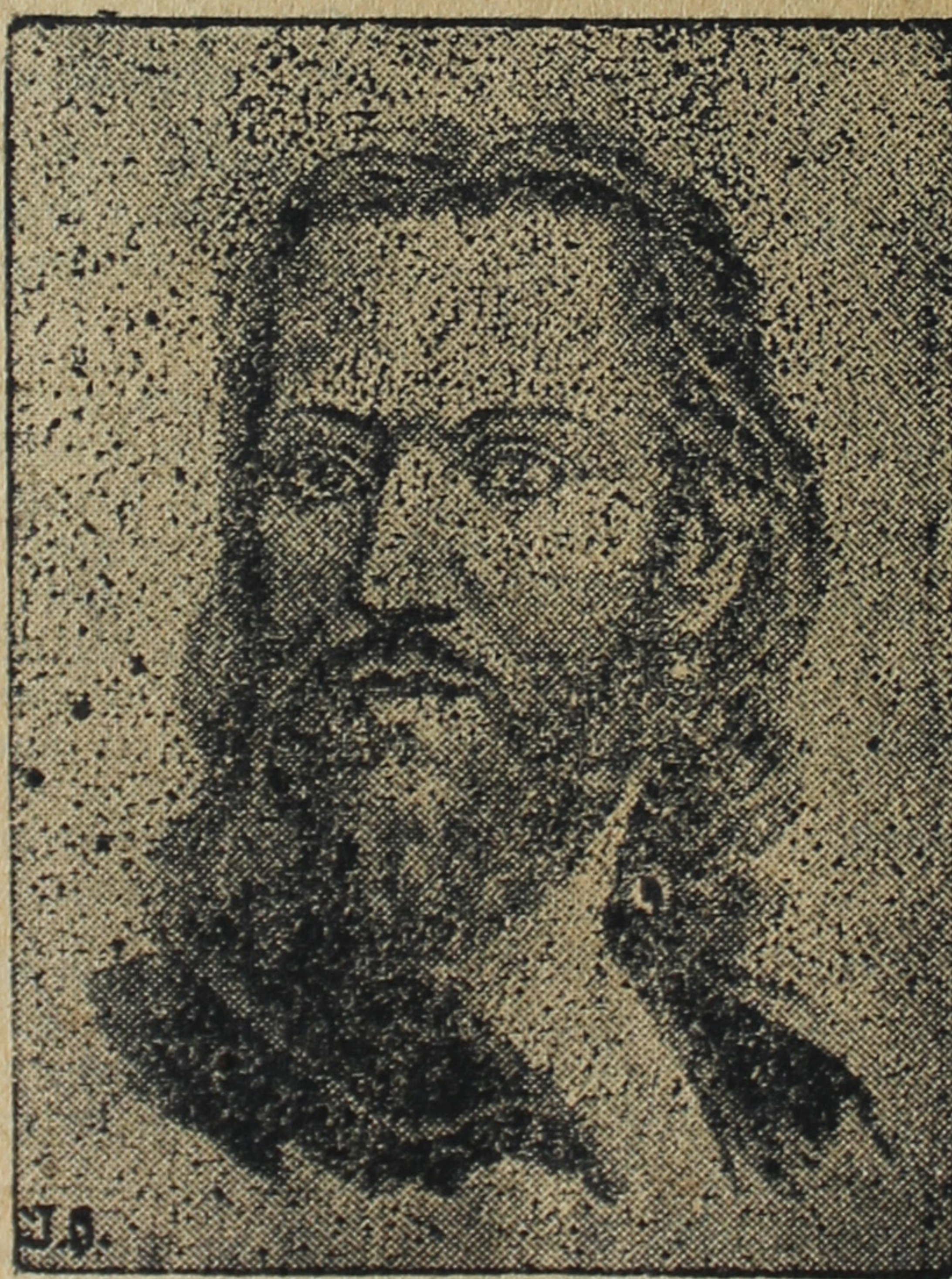
A Pátria está de luto. Perdemos um dos mais perfeitos representantes da alma brasileira. Tiradentes morreu.

Aquêle sol esplendente que ainda há pouco aquecia o coração da Pátria — o Sol da Liberdade — foi expulso dos nossos céus; manchou-se a honra de uma nação; o laço impiedoso do conquistador garroteou os irreprimíveis anseios de independência dos filhos do Brasil.

Barbaridade sem nome! Agitam-se todos os rincões brasileiros para clamar bem alto junto à Eternidade contra a afronta que foi dirigida aos nossos brios de povo cristão.

Partiu-se a vida àquela mocidade estuante [de patriotismo, e a Pátria, a mãe tresloucada, não pôde sequer derramar as lágrimas que lhe avassalavam os olhos sobre o cadáver do filho idolatrado, pois que ele — o infame — nem depois de morto logrou descansar em paz: o corpo, rasgado em postas, foi vilmente exposto à sanha das aves do céu e ao despre-

zo dos mortais, como não o merecera o mais ímpio dos homens, julgando em sua ingenuidade os tiranos iberos que a Fôrça e o Crueldade são capazes de esfacelar a liberdade de um povo que nasceu das florestas selvagens do Pindorama; a cabeça formosa foi



“O Tiradentes sôbre o poste erguido
Lá se desata das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo
Que rola sangue, que espadana estrêlas!”

CASTRO ALVES

çada a um mastaréu, chorando, em noites de horror, com o vento que revolteia nos vãos das paredes denegridas, buscando pouso nas sombras da noite, já que não o encontrou no caus humano.

Mas se grande foi a afronta, maior foi a revolta do povo insul-

tado ante o ato de selvageria. O sangue que viu as lages das ruas de Vila-Rica, levando assim o insulto de amar a terra oprimida dos Aimorés bravios, assoberbou o peito do príncipe português, quebrando os grilhões que se estendiam de além-mar, logo que o grito de «Liberdade ainda que tardia!» abalou a atmosfera de pavor ante a opressão que se havia arraigado à consciência nacional, num depoimento sereno e irrefutável da asserção de Rui: «A injustiça pode irritar-se; porque é precária, A verdade não se impacienta; porque é eterna».

Uma voz calou, ua noite negra do 21 de Abril de 1792.

Se, porém, a terra não lhe deu túmulo, deu-lho o céu no coração da gente brasileira, e lá, no ignoto dos abismos, imortalizou-se no livro dos séculos, com as lágrimas que por êle verteu a Terra de Santa Cruz, o nome do destemido herói.

Infamado, escarnecido, alçado ao patíbulo como um criminoso, êle foi um exemplo vivo de que, nos momentos em que a nacionalidade estiver em perigo, das forças vivas da alma do nosso povo sempre haverão de jorrar gigantes que patentearão ao mundo o engano fatal dos que tentam zombar impunemente do civismo dos filhos do Novo Mundo!

M Á X I M A

Quando um espírito forte se sobressai, em todos os sentidos, no meio dos nulos, é julgado inimigo comum.

J. A. L.

Da COSTA E SILVA

(Cont. da 3a. pág.)

"A BALSA"

Esfolha-se a manhã em rosas de ouro,
Sobre o rio caudal de águas ligeiras,
A rolar em cachões nas cachoeiras,
Onde espuma rugindo como um touro.

Os barcos, a sonhar no ancoradouro,
Velas ao sol, como asas e bandeiras,
Agitam-se às canções das lavadeiras,
Que, pela riba, vão cantando em côro.

E, rio abaixo, sobre as águas claras,
A superfície movel da corrente,
Desce uma tosea embarcação de varas.

É a balsa — a leve habitação flutuante,
Simples e boa, que transporta a gente,
Da minha terra, no sertão distante.

Mas, ao lado do sentimentalismo telúrico, desse que cantou a gleba e a natureza, o povo e os costumes, a vida e a atividade dos sertões Da Costa e Silva sempre reservou um lugar especial, dir-se-ia um santuário emotivo, aonde sempre reinou como Rainha sem par, a personalidade de sua mãe, daquela que foi talvez, a grande inspiradora dessa opulenta riqueza poética que é o soneto «Saudade».

Antes de cantá-lo, a personalidade da mãe — de todas as mães do mundo, foi immortalizado pelo grande bardo no seu inspiradíssimo "MATER", que não resisto ao desejo de transcrever:

De lágrimas de mãe formou-se um rio...
Lenda que todo mundo desconhece,
Mas existe no sonho que entenece
A alma de um ser excêntrico e sombrio.

Triste, unido de luz, num desvario
De suspiros de dor, o rio desce,
Levando à tona num fervor de prece,
Rosas e lírios tremulos de frio...

Mãe, que rogas por mim, piedosa e triste,
Em lágrimas de afeto e de bondade,
Talvez nem saibas que esse rio exista...

Não o sabes; contudo, em doce calma,
Ha o rio invisível da saudade,
Onde, em lírios de amor, bôta a minha alma...

A saudade, cantada sempre por Da Costa e Silva com as cores mais vivas do seu sentimentalismo, foi, sem dúvida, uma grande inspiradora do magnífico poeta. A tristeza de que era possuído, e refletido nestas estrofes:

... parece até que o rio tem saudade
como eu, que também sou dessa maneira,
saudoso e triste em plena mocidade.

Da-se em mim o fenômeno sombrio
da refração das arvores da beira
na superfície trêmula do rio...

E devemos, hoje, à magnífica pena de Cristino Castelo Branco, nas maravilhosas páginas do seu «Homens que Iluminam», a história, em primeira mão, da maneira pela qual se fez o mais lindo soneto em qualquer língua, sobre esse sentimento até então intraduzido que é a saudade.

Parece que, nesse dia feliz, toda a tristeza e sentimentalismo havia feito soar com a máxima plangência o «coração, sino da gente», que pulsava no peito do imortal bardo. Regressavam, êle e Cristino Castelo Branco, de uma das aulas da velha Faculdade de Direito de Recife. Depois de transitarem pela rua de Aurora, iniciaram um passeio pelas poéticas margens do Capiberibe. E rumaram para a «república» aonde moravam. Macambuzio e triste, ao depois de entrar no compartimento em que habitavam. Da Costa poz-se a percorrer em passadas largas, esfregando as mãos, a área do compartimento em que se encontravam. E iniciou então, o «ditado» do soneto, que Cristino Castelo Branco escrevia sobre uma fôlha de papel. As imagens, saída quase em catadupas, eram como que pedaços do coração do poeta que se desprendiam, transformados em versos, vivendo na rima e na métrica todo o drama da sua emotividade. Segundo diz justicieiamente Cristino Castelo Branco, os versos «saltavam maravilhosamente, de improviso, do cérebro, dos lábios, do coração de Da Costa». No dia seguinte o autor levou-o ao Jornal do Comércio, que, dias após, o publicou gloriosamente. A centelha do gênio de Da Costa, mais que em nenhum outro, fixou-se nestes maravilhosos 14 decassilabos:

Saudade! Olhar da minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor de minha terra... O Rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de Junho. O caboré com frio,
Ao luar, sobre o arvoredado, piando, piando...
E à noite as folhas lividas cantam o
A saudade infeliz de um sol de estio.

Saudade! Asa de dôr do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
Ai! Mortalhas de névoa sobre a serra!

Saudade! O Parnaíba, velho monge
As barbas brancas alongando, e ao longe
O mugido dos bois de minha terra.

Não era preciso mais. Somente essa composição, se somente ela Da Costa houvesse produzido, seria o suficiente para immortalizá-lo, como um dos nossos maiores poetas, e, indiscutivelmente, o maior cantor do sublime sentimento da saudade. Mas o genial poeta foi muito além. Mergulhou na natureza, aprofundou-se na história, dedilhou a lira do amor, e expandiu-se em rimas e em versos, enriquecendo com 'perlas inconfundíveis o parthenon nacional da poesia. Da Costa, porém, sempre foi um angustiado. Aliás já traduzira em várias vezes esse sentimento em estrofes lindas, e o seu sentimentalismo sempre se associava às libações do álcool, como ele próprio dissera:

Julgo a vida uma taça, porque a vida
Tenho passado bêbedo, sonhando:
Bêbedo, sinto o coração cantando
E a alma de estranha embriaguez vencida

Ai! eu tenho esvasiado a Grande Taça,
Numa sede de ardência e de frescura,
Desde o nectar bendito da ventura
Ao tóxico travoso da desgraça.

E o amor materno, como um cravo a picar-lhe perenemente o coração, ressuma mais uma vez:

Foi-me a primeira lagrima vertida
A origem da ternura — quintessência
Dos sorrisos e beijos da inocência,
Vindos do amor de minha mãe querida.

Ele que procurara esquecer nas libações alcoólicas «os tormentos da vida», encontrou, tal como profetizara, «o tormento maior», que o aniquilou, que o destruiu fisicamente, que emudeceu a sua lira e que apagará — que pena! — o fanal luminoso de sua gloriosa existência.

«A tí, raça de heróis, de santos e de sábios,
O louvor que me vem do coração aos lábios.»

Da COSTA E SILVA

O intuito do Centro ao lançar o nome de Antônio Francisco da Costa e Silva para a série de concursos que continua realizando foi não só prestar uma homenagem sincera à notável figura de poeta que é, mas também por em relêvo as letras piauienses, no nobilíssimo desejo de cultivar o que é nosso.

E' de lamentar que apenas dois homens de letras hajam correspondido ao nosso apêlo, mas estamos seguros de que em outra tentativa seremos mais bem sucedidos.

Cumprimos agora o dever de, em conformidade com a Comissão julgadora, composta pelos professores José Rodrigues e Silva, Thomaz Catunda e José de Lima Couto, conceder a primeira colocação ao trabalho "Da Costa e Silva", do jornalista R. Fonseca Mendes, fazendo uma menção honrosa à colaboração do Dr. Carlos de Oliveira Neto.

O premiado receberá o brinde de uma elegante caneta "Evershap", cujas qualidades excepcionais já são bastante conhecidas, oferta da "Casa Marc Jacob S. A."

Da COSTA E SILVA

Foi uma idéia feliz, felicíssima sem dúvida, a que vem de ter o Centro Estudantal Parnaibano, de projetar à admiração dos contemporâneos, através de biografias escritas por beletristas locais, a personalidade magnífica de poeta desse grande vulto das nossas letras que é Da Costa e Silva.

Como piauiense de nascimento que é, constitue a vida poética de Da Costa e Silva um dos motivos de orgulho da terra de Mafrense. Aliás êle próprio — poeta — dentro de sua grande modestia, inverte as honrarias, e considera sempre que para êle sim e que é uma grande honra o ser piauiense, filho de Amarante, o seu lindo torrão natal.

Êsse sentimento de amor e gratidão à terra berço derrama-se em estrofes lindas e sentimentais, através dessa jóia poética que é «AMARANTE», o belo soneto que dedicou ao seu berço natalino, assim inspirado:

A minha terra é um céu, se ha um céu sobre a terra,
E um céu sob outro céu tão límpido e tão brando.
Que eterno sonho azul parecê estar sonhando
Sobre o vale natal, que o seio à luz descerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!
Junto à paisagem verde, a igreja branca, o bando
Das casas que se vão, pouco a pouco, apagando
Com o nevoento perfil nostálgico da serra...

Com o seu povo feliz, que ri das próprias maguas,
Entre três rios, lembra uma ilha, alegre e linda,
A cidade sorrindo aos ósculos das águas.

Terra para se amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde tive o berço e de onde espero ainda
Sete palmos de gléba e os dois braços de um lenho!

Como essa, muitas outras poesias de Da Costa e Silva são a quintessenciação poética de um sentimentalismo romântico e elevado ao mais alto grau

de ternura. O sertão ficou definitivamente gravado em sua vida, com a marca indelevel de sua poesia simples e rústica, e embora perlustrando colégios e faculdades, Da Costa e Silva continuou a ser sempre o sertanejo piauiense, para quem a ausência da gléba querida constituiu sempre motivo de inconsolável tristeza. A vida do sertão, os seus quadros típicos e inimitáveis ficaram como que sendo a matriz geradora de todo o sentimentalismo da poesia iluminada de Da Costa e Silva, e foi vivendo, decerto, momentos inesquecíveis de sua infância de sertanejo descuidado e feliz, que a sua pena traçou instantâneos magníficos como

"O ABOIO"

O sól desfaz-se em ouro nas quebradas,
Surge a lua de prata, além da serra,
Nos saudosos sertões da minha terra,
Pelo tempo feliz das vaquejadas

À hora do crepúsculo, as boiadas
Veem chegando aos magotes para a férra,
Em correrias, num tropél de guerra,
Nuvens de pó formando nas estradas...

Mas, uma rez desgarrá de repente;
No cavalo fogoso e mais ligeiro
Perseguem-na a correr, inutilmente.

O vive-se o aboio no sertão inteiro...
Volta a rez ao curral, pausadamente,
Vencida ao som do canto do vaqueiro.

A imagem e a idéia são puramente sertanistas. O quadro, para quem o conhece, está orlado com as mais vivas tintas da naturalidade, inclusive com a projeção justificada que o último verso faz do feitiço do canto do vaqueiro sobre a rez que o conhece e que com êle convive diariamente. O verso é, talvez, um retalho da própria vida de Da Costa e Silva, arrancado dos recantos mais saudosos do seu coração. Mas juntamente com as paisagens terrestres, outras telas se fixaram em a sua memória e vivem em o seu coração. O rio! O encanto magico que as aguas teem para as crianças, não poderia deixar de plasmar no sentimentalismo de Da Costa e Silva essa imorredoura saudade do rio — êsse lençol líquido e cristalino que muitas vêses o envolveu em banhos aprazíveis — e que é um dos motivos de maior divertimento à petizada que vive à beira d'agua.

Mas, procurando ser tanto quanto possível descritivo das belêsas dos sertões, Da Costa foi encontrar o motivo para cantar o rio, através de um dos seus quadros reveladores do espirito práctico e heróico de sua gente:

(Cont. na 2a. pág.)

Composto e Impresso na
GRAFICA IRACEMA
RUA DUQUE DE CAXIAS, 808
Parnaíba — Piauí

Página do Piauí

A 15 de Janeiro de 1940. Parnaíba soube o que é perder um dos mais ilustres filhos, e tôdas as classes sociais lamentaram a morte dêsse vulto inesquecível de jurisconsulto, filantropo, professor, intelectual, jornalista e ardoroso idealizador de realizações notáveis, como o Ginásio Parnaibano e o sonhado Pôrto de Amarração, que foi José Pires de Lima Rebêlo.

Já frisava Edison Cunha no retrato vivo e profundo que lhe fez em «Vozes Imortais»: «Orador de vastos recursos, enciclopédico, prosador elegante homem de sociedade, ninguém como êle tinha o poder de sedução pela palavra fácil, prosa variada, desde a anedota leve, espirituosa, gargalhante, ao tema mais sério de feição doutrinária e científica; e pela simpatia pessoal que dele se desprendia».

E logo mais: «Educador e advogado, era um lutador infatigável, e mesmo exagerado, na luta».

O trecho que estampamos nesta página, num preito de gratidão àquêle a quem nós, os jovens parnaibanos, tanto devemos, é extraído da obra «Pró Piauí», que circulou quando o problema ingente do Pôrto piauiense era o foco para onde convergiam os olhares de todo o nosso povo. Por êle bem podemos perceber o que perdeu a nossa cultura.



Pró Piauí

Lima Rebêlo

Entre 1840 e 1849 estabeleceram-se em Parnahyba casa filiaes da Inglaterra, da Norte America e da Noruega.

Estabeleceu-se um serviço directo e continuado de navios à vela entre Amarração e os portos americanos e europeus.

Cada uma daquellas casas tinha os seus.

A casa americana possuia o *Eduado Purnet*; a casa norueguesa possuia a *Empreza Lalande*, composta das escunas *Victoria* e outras; e a casa ingleza, filial dos *Singlehurst*, recebia a consignação dos barcos destes armadores (entre os quaes o celebrado *The-reoína*). Por algum tempo Tutoya ficou abandonada; tão esquecida mesmo, que não se lhe sabia mais de canal algm. O commercio foi feito por Amarração e Canarias, durante muitos annos.

Tambem o rio passou desde 1858 a ser effectivamente trafegado a vapor.

Lembrou-se o commercio de S. Luiz de ver se ainda podia fazer uma pequena collecta no commercio do Parnahyba e creou a navegação a vapor na costa.

Mas o movimento das casas estrangeiras, com séde aqui, accresceu immenso pela prosperidade economica provocada com os preços assombrosos da mate-

ria prima, durante a guerra da Seccessão.

O algodão chegou á cotação de cinco mil réis o kilo, o que hoje representaria cincoenta.

Não esmoreceu o commercio de S. Luiz. Enquanto procurava constante, pyrrhonica, perseverantemente, que o governo central ordenasse a suspensão das escalas do Lloyd na Amarração, a pretexto de existir alli um serviço sufficiente com a Maranhense, os seus grandes homens e estadistas, suggestionados pelo meio, olhavam a ligação ferrea do Itapicurú ao Piauí como o remedio soberano para a decadencia commercial de S. Luiz.

Seus livros, jornaes e relatorios estão cheios destas discussões. Entre os mais ponderados avultou, pela moderação e acerto de conceitos, Antonio Henriques Leal, na *Imprensa* de 1858.

Infelizmente o que havia de judioso no auctor celebrado do *Pantheon* desapareceu nos continuadores da idéa e feitores da obra. Não se melhorou a navegação do Itapicurú, nem se fez o canal de ligação á capital; fez-se tão somente uma linha sinuosa e estreitinha, onde se desarticula uma carangueijola ridicula e suja, com passo tartigrado e taxas enormes.

Assim a decepção foi immediata. O commercio do Parnahyba continuou sua marcha fatal e o deficit da estrada de Flores a Caxias subiu á metade do custeio.

Nada, porém, custa tanto como perder uma illusão ou desistir de um bem passado.

Mal nos foge o passaro da mão, logo todo o nosso esforço e amor proprio se empregam em colhel-o outra vez.

E' isto o que leva os povos á decadencia. Cumprida uma missão, o povo forte crêe-se outra.

Ao Maranhão facultaram-lhe novas vias de progresso. A Federação prestou-lhe mão forte, deramando sobre elle uma chuva de ouro para a construcção de uma estrada de ferro.

Vieram homens especialistas, verdadeiros economistas; e pensaram, traçaram, projectaram uma linha de penetração, rumo do Araguaya, á meia distancia dos valles do Itapicurú e Mearim. Logo se assanhou, arripiado, o commercio de S. Luiz e lá veiu gritando a largos brados que para o progresso do Maranhão só havia um remedio, uma applicação, um especifico: éra a reconquista commercial do sertão piauiense, afastado pelas deterioradas condições de navegabilidade do Itapicurú.

Por isso, que seguisse a estrada á ilharga do rio até ligar-se com o ramal de Flores, Pactolo moderno de onde: em caudal perenne, desceria a riqueza e a redempção nas folhas das contas-correntes com juros de 18% acumulados semestralmente.

A estrada fez-se.

Ahi está ella como um cancro aos flancos do Maranhão,

Errada technicamente, jamais sua renda cobrirá a conservação, quanto mais conservação e custeio. Em nivel minimo, qualquer inverno lhe cobre trechos e trechos.

E por que preço?

Trilhos de ouro.

Córtes de ouro.

Obras d'arte de ouro.

Montanhas de ouro sumidas nas lamas dos Perizes.

Ouro, ouro, ouro do bolso para fóra.

E o Maranhão verdadeiro, o Maranhão brasileiro, o Maranhão progressista, — humilhado, iludido, vilipendiado nas suas mais santas

(Cont. na 9a. pág.)

«Ergue-te ó luz! estrêla para o Povo,

Para os tiranos—lúgubre cometa».

CASTRO ALVES

Como foi amplamente divulgááo, o Centro Estudantal Parnaibano vem de dar novo passo no sentido de fazer vibrar com mais fôrça as fibras do coração da Macidade de nossa terra, da qual é líder, estabelecendo um concurso sôbre Vida e Obra do imortal filho das plagas baianas — «O Poeta dos Escravos».

A realização de um concurso sôbre a personalidade de um grande brasileiro é ainda acontecimento raríssimo nas camadas culturais de Parnaiba, de sorte que vem a se tornar mais um veemente depoimento para demonstrar o real interesse que esta associação de moços dedica ao engrandecimento da filha querida do Piauí que a 19 de Outubro de 1822 se impôs ao juízo das gerações com o brado de Independência.

E, de acôrdo com a decisão da Comissão Julgadora, composta pelos intelectuais Drs. Édison da Paz Cunha e Carlos de Oliveira Neto, indica como primeiro colocado o trabalho «O Poeta dos Escravos», da autoria do centrista Francisco de Assis Veloso.

Com as nossas saudações, mais uma vez conclamamos a Juventude parnaibana a se acolher debaixo da bandeira do C.E.P., para que o nome do Estudante venha a se tornar um exemplo vivo de união e grandeza.

«Poeta dos Escravos»

Francisco de Assis Veloso

CASTRO ALVES — Símbolo de uma raça, esplendor de uma época, glória de um povo, — mister é que se diga, faz jús ao título que Joaquim Nabuco tão sábiamente logrou conceder-lhe quando o denominou «Poeta dos Escravos».

Surgiu como um cometa, e a trajectória de luz de sua existência iluminou o cenário da literatu-

ra brasileira numa época em que vultos como Rui Barbosa e Machado de Assis realizavam seus maiores empreendimentos literários.

Entretanto, por sua obra humana e patriótica, adquiriu uma galeria de honra no coração do Brasil, por ser o «Único», não tendo precursores nem sucessores.

Foi o farol que guiou os abo-

licionistas em sua sublime campanha pela libertação do negro, espalhando com seu cantar de titã as misérias da escravatura por todo o território nacional quando proclamava

Senhor Deus dos Desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é mentira... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Foi a bússola que indicou a meta aos republicanos, bafejando com suas palavras de esperança e incentivo o coração do Povo, afirmando a existência de um novo futuro no horizonte.

E no século da bomba atômica, quando reina a confusão e a angústia, quando a desconfiança conquista os corações, os versos de Castro Alves, deveriam estar na mente de todos, orientando as consciências para a concepção imparcial do Direito.

Cantando os Escravos, aquêlê vulto impávido veio a ser o paladino da Liberdade e sua obra estará sempre presente enquanto houver injustica, enquanto reinar o despotismo na face da Terra — «A lira e nudescu, mas os sons por ela vibrados ainda reboam cheios de vigor em nossos ouvidos».

Os 24 anos de sua fulgurante existência Castro Alves dedicou-os às lutas pelos grandes Ideais e morreu quando concluía o mais veemente protesto contra a maior mancha aos nossos foros de povo livre. Não há que pensar, como afirmou seu próprio irmão Guilherme de Castro Alves:

«Ele era grande e bom: massa para deuses»

**Estudante! Cerra fileiras
ao lado do C.E.P.!**

O Centro Estudantal Parnaibano agradece a magnanimidade dos Estabelecimentos James Frederick Clark S/A., por terem patrocinado o presente concurso, concedendo ao vencedor, como prêmio, uma das mundialmente famosas canetas «Parker 51».

A PSALM OF LIFE

De Longfellow

What the heart of the young man
said to the Psalmist.

TELL me not, in mournful numbers,
 «Life is but an empty dream!»
 For the soul is dead that slumbers,
 And things are not what they seem.

Life is real! Life is earnest!
 And the grave is not its goal;
 «Dust thou art, to dust returnest»,
 Was not spoken of the soul.

Not enjoyment, and not sorrow,
 Is our destined end or way;
 But, to act, that each to-morrow
 Find us farther than to-day.

Lives of great men all remind us
 We can make our lives sublime,
 And, departing, leave behind us
 Footprints on the sands of time;—

Footprints, that perhaps another,
 Sailing o'er Life's solemn main,
 A forlorn and shipwrecked brother,
 Seeing, shall take heart again.

Let us, then, be up and doing
 With a heart for any fate;
 Still achieving, still pursuing,
 Learn to labor and to wait.

O SALMO DA VIDATradução em rima do Professor
LIMA COUTO

Não me digas, em um credo tristonho,
 Que «a vida é apenas um vazio sonho!»
 Porque são mortas as almas que adormecem
 E as cousas não são nunca o que parecem.

A Vida é zelosa! A Vida é real!
 E o túmulo não é o seu final;
 Foi dito: «És pó, e ao pó has-de tornar»,
 E da alma não se chegou a falar...

A tristeza não é, nem o prazer,
 O motivo real dêsse viver;
 Mas, agir, para que cada amanhã
 Nos veja além de hoje nesse afã.

A vida dos grandes nos faz lembrar
 Que sublime a nossa é fácil tornar,
 Deixando, para trás, ao termos ido,
 Sinais na areia do tempo vivido;

Sinais, que talvez outro companheiro,
 A percorrer da vida o seu roteiro,
 Sinta, ao vê-los, o náufrago, o irmão,
 Trazer-lhe nôvo ânimo ao coração.

Despertemos, então, e trabalhemos,
 Pondo a vontade em tudo que fazemos;
 Ora a construir, ora a laborar,
 Amando o Trabalho e sabendo esperar.

O Hipócrita

*Apresentou, em Londres, um artista
 Pra exposição de quadros de pintura
 A imagem de um hipócrita. A vista
 Primeira, só se via a criatura*

*De olhar sereno e aspeto pacifista,
 Mãos postas, ajoelhado, com doçura
 Baixando os olhos sôbre uma revista,
 Tentando parecer-se gente pura.*

*Porém se olhando próximo da tela,
 Que desengano!! Um ser de face má,
 De olhar obliquo, como o Satanaz!*

*Temamos, bem a tétrica esparrela
 Das semelhanças, pois só nos trará
 O dissabôr de se perder a paz!*

JOSÉ DE ALBUQUERQUE LYRA

Sugestões de uma noite de luar

Especial para «Renascimento»

Th. CATUNDA

Parece uma panóplia imensa de navalhas
 O que se vê no outeiro enquanto surge a lua:
 Belicosa ilusão que na alma me insinua
 O coqueiro a polir o seu leque de palhas...

Depois, a lua sobe e despe-se das malhas
 Do nevoeiro, mostrando a argêntea face nua.
 Sonorizando a mágua universal, estua
 O mar, amortalhado entre brancas mortalhas...

A Natureza, então, recorda um templo: O monte
 Ergue-se, como altar, na fímbria do horizonte,
 E o mar entôa a Deus um canto imorredouro.

E quando a lua atinge o nível da alta fronde
 (Como quem por detrás de um cruzeiro se esconde),
 Cuida-se ver no monte uma custódia de ouro...

GALERIA DE CONTOS

As guerras sempre forneceram assuntos dos mais interessantes aos romancistas e contistas de todas as épocas. Da Hecatombe de 1914 Remarque extraiu o romance mais apreciado daquela época — «Nada de novo na frente oriental».

Os romances que tiveram por fundo a última Deflagração Mundial são inumeráveis, talvez porque o público tenha predileções especiais para os livros que focalizem a Desgraça Humana em sua maior proporção — A morte em massa.

O conto que apresentamos neste número aos nossos leitores saiu da pena de uma das inteligências moças de nossa terra, narração de uma simplicidade de estilo digna de admiração. Focaliza o drama da fuga de uma jovem francesa do solo pátrio, com destino às regiões onde possa manter aceso o fogo do patriotismo, onde possa desenvolver os trabalhos para a Libertação final da França idolatrada.

O Drama de Jane foi o o drama de milhões de indivíduos da Europa, Ásia, África, e será o de nós todos se não nos acautelarmos dos inimigos que conspiram contra nossa Pátria.

Conto nº 2

O Sol da Liberdade

J. M. Nunes

De novo reboara por todo o mundo o grito selvagem da guerra. Os homens sedentos de sangue desconheciam-se, engalinhando-se decididamente em outra monstruosa hecatombe.

Também aquela aldeiazinha calma do sul da França fôra a ingida pela guerra, que veio quebrar a monotonia romântica de sua vida. Já começavam a chegar soldados fortes e bem trajados para fazer o recrutamento. Uma onda de súbita raiva subiu então às faces coradas das mães, das noivas, das crianças, de toda aquela população pacífica e ordeira. Dias após, seguia para destino desconhecido quase toda a mocidade, deixando à sua partida corações sangrando de dôr e saudade.

Meses passaram-se. A luta continuava acesa e indecisa. Po-

rém, a nobre França pouco depois capitulava vergonhosamente. Serviria ela, agora, não de palco onde se degladiariam dois inimigos ligadais, mas de uma prisão que haveria de sentir profundamente as garras aduncas de um opressor implacável e sangüinário.

A aldeia, pouco depois, começaram a chegar as primeiras hostes do invasor. Como estivesse bem próxima à fronteira, não tardaria que tropas e mais tropas fossem aparecendo ininterruptamente.

Ei-los que passam, arrogantes, presunçosos, esquadrinhando com olhares cruéis tudo que vêem.

Jane, uma simpática francesa que morava logo à entrada da aldeia, sofria horrivelmente quando observava pelas frestas da janela aquêles intrusos por demais indesejáveis. Às vêzes, ébrios, passavam pelas ruas numa algazarra ensurdecadora, zombando de um povo heroico que havia perdido uma batalha, mas não uma guerra.

Os dois únicos irmãos de Jane haviam sido recrutados pelo exercito francês, e o pai morrera defendendo a patria na guerra de 14. Daí se originava aquêlê rancor ao ver tão de perto os superhomens germânicos, temendo estar fitando o assassino de seu pai, e, talvez, de seus irmãos também.

Dia a dia crescia a arrogância dos soldados estacionados na aldeia. O desdém e os mal tratos por que passavam os habitantes alimentavam no coração de Jane uma vontade imensa de fugir daquele inferno, que ha pouco tempo era, para ela um doce paraíso. Como, porém? A fronteira era próxima, e no entanto a vigilância dos guardas mostrava-se severa. De sua casa avistava as montanhas pertencentes ao outro país, onde se respirava mais liberdade, e nestes instantes, sentia um desejo tremendo de sair dali, para ajudar, lá fora, com seu esforço, a obra do soerguimento da pátria.

Chovia. A noite estava escura, fria. A artilharia celestial bombardeava incessantemente, com toda a fúria de seus elementos, a pobre terra indefesa.

Jane acordara sobressaltada. Chegara a hora propícia. Os guar-

das alemães, bem agasalhados em suas tocaias, não ousariam nem por o nariz na rua. Jane levantou-se devagarinho e dirigiu-se ao leito da velha genitora.

— Adeus, mamãe!

Um longo e afetuoso beijo completou aquela cena comovente. Lançou-se resoluta para a porta, abrindo-a sem ruído. A luz cortante de um relâmpago fê-la recuar. Entretanto a força que lhe agitava o sêr era mais forte que o furor da natureza, e dentro de poucos instantes ouviam-se passos abafados pela lama do caminho.

— Jane! Jane!

Era tarde demais. Ela partira.

Protegida pela escuridão reinante, um corpo deslizava pelos muros e paredes. A chuva continuava impenitente. Trovões fortes e relâmpagos ofuscantes amudavam-se cada vez mais, fazendo-a estancar. Não que tivesse medo, mas poderia ser vista por alguma sentinela importuna.

Dentro de pouco tempo havia abandonado a vila, seguindo a trilha que ela bem sabia ir ter à fronteira, pouco distante, que era preciso alcançar antes do nascer do sol.

O temporal recrudescia. Os pés finos e delicados da fugitiva feriam-se de encontro às pedras e espinhos, que ela não divisava na escuridão. Súbito alguma coisa de forma indecisa surgiu bem próximo. Era o largo portão que separava, na estrada asfaltada, os dois países.

Jane parou, com o coração a bater descompassado. Ela já ouvia bem distintamente o ruído das folhas sacudidas pelo vendaval, e os albores da madrugada começavam a transparecer, coados pela cortina espessa de névoa.

Perto do portão, estava o último impecilho: uma casinha, onde se abrigavam os vigias alemães, postava-se de atalaia, tímida e perigosa.

A francesa benzeu-se, piedosa e trêmula. Uma fervorosa prece subiu então ao trono do Altíssimo. Ela ia jogar a última e decisiva cartada, pois sabia o fim que a aguardava se fosse descoberta: sofrimentos atrozes, perseguições, suplicios, e... a morte. Tudo isso

(Cont. na 9a. pág.)

O Hipócrita

José de Albuquerque Lyra

Quando me veio à mente pintar, com as tintas pálidas de minha intelligencia, o hipócrita, figura mesquinha e envergonhantemente indigna, tomei um elemento desagregador de nossa gleba, para, inspirado nos seus atos e aspetos, dar, satisfatoriamente, aos meus caros leitores, a visão mais nítida e exata do falsário, que se enquadra maravilhosamente no individuo meu inspirador.

Quem tiver o infortúnio, de o conhecer se lembrará, se conhece, do quadro de um grande artista londrino, no qual se retrata um homem calmo, de semblante franco e atraente, como as aguas dum lago sereno, em posição piedosa de genuflexão, de quem está se dirigindo a Deus e que no entanto ao mais leve aproximar do observador se contrasta em um individuo tão asqueroso quanto um formoso e magnifico sepulcro caído, que guarda em suas entranhas uma linda virgem transformada em puz.

Sem restar dúvida o hipócrita é, na verdade, igual àquela bem colorida imagem do quadro do pintor britânico, dado o seu «modus vivendi» e sua fraqueza de caracter.

Ninguém deixará de se sentir atraído pelos elogios e cõrtes de um seu semelhante, que com franqueza, mesmo aparente, e bom trato lhe exalta os predicados reais e presumiveis, todavia, quando quem quer que seja estiver neste transe, não deixe seu Ego voar para o efêmero, impulsionado pelo helio daquelas demonstrações, que lhe parecem verdadeiras e admissiveis, porque elas podem estar se emanando do arquiteto do mal: o hipócrita.

Todos se lembrem de que as semelhanças não traduzem, de um modo absoluto, os caracteres das creaturas, porque se todos os sentimentos duma pessoa «se estampassem na máscara da face», então, existiriam maus sem oportunidade de praticarem o mal, por se indenticarem pelas semelhanças.

Não, o mau tem a capacidade de ocultar sua maldade. O hipócrita pode verdadeiramente se assemelhar ao leal, dar algumas provas iniciais de lealdade, a-fim de conhecer o terreno em que piza e verificar se dali pode usufruir vantagens por meio de seus

iniquos planos. Caso usufrui algum resultado palpavel, êle se mantem numa posição estática, porem se o ente não fornece o esperado ou se é pródigo mas com sacrificios e dificuldades, o hipócrita, que antes o enaltecia e fazia bõa propaganda de seus predicados, passa imediatamente a se esquivar do mesmo, a criar um ambiente antagônico à sua vítima e finalmente, com mentiras claras, a calunia-la, deixando apenas o direito à mesma, se fôr altiva e nobre, de despreza-lo, como se despreza o excremento,

O hipócrita, isto é o amigo falso, é o elemento mais perigoso e desprezível da sociedade e merece muitissimas vezes mais o nosso desprezo e repugnancia do que um inimigo criterioso, pois aquele representa na sua nulidade o Judas Iscariotes, que foi muito mais miseravel para com Jesús do que os seus proprios carrascos, visto que êstes sacrificaram Cristo por culpa daquele, padrão dos hipócritas.

Contudo, os homens são fracos, preferem mais a irrealidade, a fantasia, em lugar da realidade, se sentem mais a cômodo ouvindo as adulações, os falsos elogios e as calúnias jogadas contra outrem do que escutando a verdade nua e crua dos fatos ou a demonstração franca e desimpedida dos seus êrros.

Preferem, êles, os homens, lançar mãos dos recursos fáceis e reprováveis do que cumprirem, com algum prejuizo, o seu dever de responsaveis diretos por alguma cousa; acham mais viavel vendarem os olhos da Justiça a darem o direito a quem merece por todas razões, pois são fracos e os fracos sempre temem vergonhosamente dizer a verdade, para desmoralizar os mentirosos. Por isto é que é aconselhavel, quando se ouvir falar mal de alguém não se acreditar antes de se conhecer

êste alguém.

Torna-se, para os homens, melhor classificar de sábio, intelligente, íntegro, disciplinado, estudioso, injustiçado e sublime a um privilegiado do acaso, a um poderoso ou rico, muito embora êste seja nulo e relapso em todos os sentidos do que dar o direito merecido a um humilde, pobre, que não pode lhe recheiar as imundas e hipócritas mãos, idolatradas pelo interesse pessoal.

Pela razão de procurarem a comodidade, a facilidade em tudo e a egolatria em todos os horizontes é que a hipocrisia se transforma numa doença transmissível em alto grau e os hipócritas ganham terreno, pois já hoje é muito difícil se distinguir um hipócrita verdadeiro do hipócrita accidental.

Porem para quem busca nos livros os fatos do passado, a-fim de justificar o presente e melhorar o futuro, há muitas possibilidades de distinguir estas duas classes de hipócritas entre sí, pois o hipócrita é um personagem notavel na historia universal, muito embora a historia o faça mais desprezível do que os resultados das reações químicas e mecânicas sôbre a alimentação, no organismo humano.

Todavia, quem não é observador cae sempre nas malhas dos hipócritas, que teem tambem a propriedade de se congregarem em clubes, em partidos ou até mesmo em estabelecimentos.

Eis, portanto, caros leitores, a imagem e as ações que deixo, aqui, para os amigos do hipócrita, pois creio isto figurar a mais pura das verdades, que é a verdade do intemerato.

Mesmo assim, com toda esta prática de pintar os falsos, ainda afirmo como um sábio da antiguidade: «Dos meus amigos defendo-me eu, porém dos meus falsos amigos só Deus me livra».

ESTUDANTE!

Inscrever-te no C.E.P. é dar prova de altruismo e desprendimento, é trabalhar pela união de nossa Mocidade, é lutar pela glória da classe!

Cerra fileiras, hoje mesmo, no Centro Estudantal Parnaibano!

Estudante, lutemos pelo Brasil!

Raimundo Ribeiro

*Esgue-te, pois, estudante,
Tua liberdade é valor!
Vamos lutar pela Pátria,
Vamos triunfar, sem temor!

O mundo caminha para uma grande evolução. E também nós, moços de Parnaíba, devemos destraldar a bandeira idealista dos nossos sentimentos. É que o Brasil espera, e portanto será bem e patriótico lutar para adquirir, no campo vasto da ciência, aquilo com que se faz ilustrar a memória, para expor a verdade a quem quer que seja, não titubiando, e sim dando prova cabal de seguros conhecimentos. Somos moços, filhos de uma Pátria também moça. Precisamos, portanto, fazer barreira a algum invasor que procure roubar-nos a liberdade. Nascemos filhos de mães carinhosas, que nos ensinaram o sinal da Santa Cruz, nome primeiro dado à terra descoberta por Cabral, quando por acaso, à

procura das Índias, tocava à terra do Salvador, em 1.500.

Iremos à frente na grande marcha da renovação nacional, porque somos também brasileiros, livres e esperançosos jovens. Faremos tudo para tudo adquirirmos, em bem do Brasil. O momento é este, meus amigos de Parnaíba. Levantemo-nos, vamos lutar pelo Brasil.

Nossa Pátria precisa dos nossos esforços, e se não lutarmos para o seu engrandecimento, veremo-la, cedo, dirigida por mãos criminosas.

E então, adeus liberdade!

Lutemos por conservar de pé este torrão abençoado, que, sem esquecer o heroísmo dos seus antepassados, e fazendo-nos lembrar Caxias, Barroso, Osório, Rui Barbosa, Tiradentes, e tantos outros, deposita toda esperança nos seus filhos jovens, que nos devemos transformar em outros tantos heróis, numa luta constante pela grandeza da Pátria.

O Sol da...

(Cont. da 7a. pág.)

passava-lhe nitidamente pela cabeça, trabalhava febril.

Afinal, vencendo todos os sentimentos de mau agouro que a assaltavam, rumou para o portão. Antes, porém, de alcançá-lo, uma voz rude feriu-lhe os delicados ouvidos:

— Alto!

Cobrindo o rosto com as mãos, tombou de joelhos. Chegara o fim.

— Bandidos! balbuciou, num assomo de cólera mal contido.

Quando abriu os olhos, viu diante de si dois soldados, que, bem armados e envoltos numa capa protetora, postavam-se a sua frente. Depois de um silêncio acalorante, um deles falou.

— Aonde vais?!

Novo silêncio, apenas entrecortado por soluços suplicantes. Por fim, Jane resolveu falar, segurando as mãos de um dos guerreiros germânicos, que instintivamente procurou esquivar-se.

— Oh! deixe-me passar!...

Os dois entreolharam-se, mudos e pensativos. Um olhar

de soslaio tocou-lhes fundo o coração frio; o orgulho começava a ceder diante daquela mulher indefesa que, ali prostrada, tinha apenas como arma duas lágrimas quentes e cintilantes!

Afastaram-se lentamente, deixando livre a passagem cobijada,

Jane levantou-se agradecida, e, dirigindo-se para eles, beijou-lhes repetidas vezes as mãos ásperas. Um sorriso enrugou, então, aquelas faces ríspidas que bem pareciam esculpadas em bronze.

Novas forças reanimaram-lhe o sêr. Os portões rangeram à sua passagem, dando idéia de correntes que se lhe partiam aos pés.

Por traz dos alterosos cumes da serra à frente, o sol levanta-se, ainda preguiçoso, do sono em que jazera. Seus raios mornos e indecisos penetravam dificilmente por entre a ramagem fresca e orvalhada.

E Jane, esquecendo-se do passado, ouvindo embevecida a melodia harmoniosa dos passarinhos inquietos, respirou profundamente aquêle ar puro e saudavel, ao mesmo tempo que mergulhava a cabeça loira e mimosa nos raios benéficos de sol da liberdade!

Dr. Getúlio Vargas

Aniversariou, no dia 19 deste, o Senador Getúlio Dorneles Vargas, uma das grandes culturas de nossa Pátria, que se projeta, brilhantemente, além das nossas fronteiras.

A S. Excia. nossos votos de perene felicidade.

Pró Piauí

(Cont. da 4a. pág.)

aspirações.

Mas antes da dolorosa realidade concretizar-se, um movimento de agressão ao Piauí teve origem na colonia lusona.

Para logo o sonho fagueiro da Estrada agrupou pesadas nuvens sobre Tutoya. O projecto mal delineado devia ser apoiado por uma acção violenta. Morrera Singlehurst; estava à venda o material flutuante que fazia o serviço de Tutoya na zona fluvial. Logo se alvitrou compral-o e transferil-o para S. Luiz. E para completo exito de acção, o corpo commercial reunido expediu aos Srs. Hughs Evans e Sons, (que, com seus vapores *Bourbon* e *Brunswick*, eram os unicos a fazer a escala de Tutoya) um abaixo assignado intimando-os a não receberem mais as cargas daquele porto sob pena do commercio maranhense deixar de lhes conceder um real de frete.

Evans, amedrontado, cedeu. Mas, como se aprestasse a *Hamburg* para fazer a escala suspensa, o poderosissimo corpo commercial luso-luizense teve que se desiludir.

Pois agora o jornalismo d'alli. está de novo se deixando impressionar pelos bacorejos thalassas. Avalie-se que a *Pacotilha* de 12 de Março apresenta o projecto de atirar com o Balsas por cima das serras dos Geraes, para encanado a um affluente do Itapicurú, desviar rumo S. Luiz o, ainda minuscuro, commercio d'aquellas regiões.

Já a 10 de Março fazia-nos justiça a *Pacotilha* dizendo que, si não fossemos nós, o sertão de Carolina jazeria em abandono completo.

E porque vamos vencendo? Simplesmente porque nos subordinamos às fatalidades geographicas, orientadoras absolutas das correntes economicas.

Escola de trabalho e beneficência

Quando mal o Centro tomava contacto com o Estudante parnaibano, profetizou a palavra autorizada e reconfortante do professor José Rodrigues e Silva, figura em que sempre encontramos apoio e dedicação incansável, que, pelo rumo lógico dos fatos e resolução dos problemas sentidos em seus Estatutos, haveria o C.E.P. de se tornar no futuro uma Escola de Trabalho e Beneficência.

Não ousamos afirmar que a profecia do illustre mestre se haja já realizado, mas temos elementos suficientes para, sem temor de faltar à verdade, declarar que os primeiros e firmes passos estão dados, e, à medida que a capacidade de produção de nossa Mocidade se for mais e mais patenteado, a tendência para o filantropismo gradativamente se irá acentuando na vida centrística.

Haja vista a série de concursos que estão sendo realizados, acontecimento único na história da cultura parnaibana. Um empreendimento com tais características é de uma utilidade extraordinária, não só por dar a conhecer a todos a grandeza de tantos filhos imortais da Pátria, prestando-lhes ato de justiça e gratidão, mas também por mostrar que o Estudante já é capaz de algo mais que adulterar poesias alheias e compilar frases dos grandes mestres da língua.

Nosso agradecimento aos que conosco cooperaram, e um apêlo a todo o Comércio e ao Povo em geral, afim de que não sejamos obrigados a privar os nossos jovens de mais esse meio de travar relações estreitas com os verdadeiros representantes da nacionalidade.

Tudo pelo Centro Estudantal Parnaibano!

Tudo pelo Estudante Parnaibano!

Tudo pelo Brasil!

Inteligência Moça

Tivemos a satisfação de ser conhecedores do êxito de nossos colegas centristas Cícero Silveira Viana, José Fortes Magalhães e José de Oliveira Viana nos exames vestibulares para Faculdades.

José Viana, batalhador incansável de nossa causa, foi um dos primeiros colocados no vestibular de Engenharia; José Magalhães, ex-Presidente e um dos primeiros sócios do C. E. P., conquistou a primeira colocação em Medicina; Cícero, fundador e orador do Centro por algum tempo, obteve brilhantemente o primeiro lugar em Direito.

Todos já foram grandes soldados dos nossos ideais, todos moços de in-

A Marcha para a Vitória

Parnaíba inteira já deve ter sentido o influxo dos novos rumos que vem tomando a vida de sua mocidade, agora que o Centro mostra verdadeiramente seu inconfundível valor. O estudante já se vai acostumando a viver em sociedade, novas idéias, mais nobres, vão-lhe enchendo o cérebro, e ele começa a mostrar que é capaz de empreendimentos louváveis e duradouros.

Os trabalhos do C.E.P. estuam de novo entusiasmo, os Departamentos principiam a se organizar, guiados por seus diretores. Dêste modo esperamos em breve que se venha a realizar o primeiro campeonato intercolegial de voleibol, basquetebol e futebol, assim como festas esportivas nos dias de grande civismo.

Com grande prazer anunciamos a realização de programas de rádio, por todos os colégios, já havendo para isso conseguido

a necessária licença da Rádio Educadora, sempre atenta aos nobres movimentos, horas de arte, encenação de peças teatrais, conferências sobre assuntos didáticos e pedagógicos, por tôdas as nossas maiores culturas.

Nossa biblioteca cresce a olhos vistos, graças à generosidade inata de nossa gente. Já obtivemos abatimentos regulares em algumas das principais lojas da cidade, livrarias, farmácias, dentistas, e é do nosso intento conseguí-los também em tôdas as outras casas.

Nosso agradecimento perene aos que conosco vêm batalhando, quer cooperando monetariamente, quer prestando apoio ou não medindo esforço em trabalhar pela causa do estudante.

Tudo pelo Centro Estudantal Parnaibano!!!

Tudo pela Mocidade Parnaibana!!!

Tudo por Parnaíba!!!

AGENCIA MORAES CORREIA

DE

João Cancio Rodrigues

REPRESENTAÇÕES - COMISSÕES - CONSIGNAÇÕES

Telegrs.: { Naveloyd
Francorreia
Albacap

Av. Pres. Get. Vargas, 112/122 e Conde D'Eu, 418/436
Caixa Postal 16--Telefones 125 e 263
PARNAÍBA-PIAUI-BRASIL

CODIGOS:
Ribeiro, A. B. C., (5th. Ed.)
Mascotte 1a. e 2a., Two-irones
Brasil e Particulares

AGENCIAS: Navegação de cabotagem e longo curso LLOYD BRASILEIRO, P/N
Seguros: CIA. DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA
Capitalização: ALIANÇA DA BAHIA CAPITALIZAÇÃO S/A
Navegação Fluvial Empresas: PESSOA & CIA. PETRONIO OLIVEIRA
Secção Exportação Procurador de: MARIO ANDRADE WALDECK BONA

Delegado da Comissão de Marinha Mercante

José de Albuquerque Lyra

Transcorreu a 17 dêste o aniversario notalicio do nosso esforçado e digno diretor, José de Albuquerque Lyra, cujo talento idealista se sobrepõe aos olhos de sua classe.

Receba pois os nossos mais sinceros parabens, para que continui lutando contra a inércia em favor dos nossos ideais.

confundível talento, e queremos compartilhar com eles da vitória que vêm de obter. Sinceramente cheios de entusiasmo, apresentamos aos jovens centristas votos de novos êxitos, parabenizando suas ilustres famílias, como

Homem de Valor ao leme do Piauí

É de nosso conhecimento que se empossará, no dia 28 dêste, no elevado cargo eletivo de Governador do nosso Estado o Dr. José da Rocha Furtado. O Centro Estudantal Parnaibano, sociedade cultural apolítica, com os olhos no altar da Pátria, roga a Deus pela felicidade do nosso bem intencionado e culto médico, a-fim-de que o Piauí se eleve mais e mais no conceito da nacionalidade.

também o Educandário que lhes soube plasmar as mentes, o Ginásio São Luiz Gonzaga.